

MONTEIRO LOBATO E A COMIDA DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Aline Liz Faria¹ , Alexandra Magna Rodrigues² , Edna Maria Querido Chamon² , Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão² 

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender o contexto geográfico e social no qual Monteiro Lobato estava inserido e a cultura e tradição culinária da região do Vale do Paraíba Paulista em sua época. A presente pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “FAZER, COMER E AMAR: Representações Sociais de idosos sobre a comida na infância” que por tratar de questões relacionadas às memórias sobre a comida para idosos nascidos no Vale do Paraíba Paulista, discutiu aspectos culturais e literários desse objeto.

Este estudo demonstrou por meio do objeto social a comida, sua ação comunicativa, qual Monteiro Lobato, utilizava para retratar a sociedade da época, com seus hábitos e costumes. Além disso, a valorização dos saberes e sabores regionais do Vale do Paraíba Paulista, contidos em seus livros e contos.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, comida, Vale do Paraíba. Desenvolvimento humano.

MONTEIRO LOBATO Y LA COMIDA EN EL VALE DO PARAÍBA PAULISTA

ABSTRACT

The objective of this article is to understand the geographic and social context in which Monteiro Lobato was inserted and the culture and culinary tradition of the Vale do Paraíba Paulista region at the time. The present research is an excerpt from the master's thesis “FAZER, COMER E AMAR: Social Representations of the elderly about food in childhood” which, by dealing with issues related to memories about food for elderly people born in Vale do Paraíba Paulista, discussed cultural aspects and literary of that object. This study demonstrated through the social object food, its communicative action, which Monteiro Lobato used to portray the society of the time, with its habits and customs. In addition, the appreciation of regional knowledge and flavors of the Vale do Paraíba Paulista, contained in his books and stories.

Keywords: Monteiro Lobato, food, Vale do Paraíba. Human Development.

¹ Universidade de Taubaté

Autor Correspondente: Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão
E-mail: mgleao08@gmail.com

Recebido em 06 de Março de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

INTRODUÇÃO

Nascido em 1882, Monteiro Lobato, natural do município de Taubaté, escritor renomado da literatura infantil, viveu sua infância na região do Vale do Paraíba Paulista, localizado na região nordeste do Estado de São Paulo, entre a região metropolitana da grande São Paulo, o sul do estado do Rio de Janeiro e o sudoeste do estado de Minas Gerais, região esta que durante os séculos XVIII e XIX, se destacava por suas fazendas cafeiras (Ricci, 2006; Silva, 2011)

Com a intenção de compreender o contexto geográfico e social no qual Monteiro Lobato estava inserido, se apresenta a cultura e tradição culinária da região do Vale do Paraíba Paulista.

O povoamento da região do Vale do Paraíba iniciou-se em meados do séc. XVII, a partir de propósitos econômicos e da demarcação de territórios, uma vez que a posição geográfica do Vale, localizado entre a Serra do Mar e Serra da Mantiqueira, convergia aos interesses econômicos dos habitantes da vila de São Paulo de Piratininga (Andrade, 1996a). Durante os séculos XVI e XVII, a região esteve diretamente ligada a atividades de bandeirantes (Silva, 2011). À medida que crescia a colonização em todo o Vale do Paraíba, a influência europeia e a cultura indígena interviram no modo de viver dos habitantes da região (Ortiz, 1988, p. 616). Com a evasão dos índios e a necessidade da mão de obra, a população de escravos chegara ao vale do Paraíba Paulista entre o século XVII e meados século XVIII, mas foi no século XIX que o auge da população africana se intensificou na região nas fazendas de café (Andrade, 1996b).

A família de Monteiro Lobato possuía terras no município de Taubaté, onde se localizava a Fazenda Paraíso, desde os primórdios da vila de Taubaté, na segunda metade do século XVII (Ortiz, 1988b). A fazenda, uma das mais tradicionais, produzia a cana de açúcar e posteriormente cafeicultura (Andrade, 1996b).

Monteiro Lobato se referia a região como sua terra natal e dizia “A natureza o dotou com o que pôde” (Monteiro Lobato 1967, p. 229).

Os cafezais foram introduzidos ao longo do Vale do Paraíba vindo do Vale Fluminense, logo após o esgotamento das minas de ouro e a baixa do cultivo da cana de açúcar nas primeiras décadas do sec. XIX e logo se tornou a atividade agrícola predominante em toda extensão do Vale (Sobrinho, 1978).

Assim, na metade do século XIX, a cafeicultura já representava uma expressiva contribuição econômica para o país (Ricci, 2006). As fazendas de café com mão de obra escrava foram de grande significância ao desenvolvimento econômico da região, sendo o produtor principal de todo país (Silva, 2011).

Os autores Florençano e Abreu, (1992, p. 23), relatam o contexto sócio-histórico da região e a cozinha valeparaibana:

Nas cozinhas das roças e das cidades desta região, bem como de outras regiões de colonização antiga, misturaram-se influências indígenas, brancas e negras, numa feliz e necessária aculturação recíproca, o que possivelmente facilitou muitas soluções de problemas da subsistência, naqueles difíceis primeiros tempos de povoamento. As mudanças advindas com a vivência, adaptação ao meio e com o progresso da região, aperfeiçoaram os processos de cozinhar alimentos. A arte de torna-los mais saborosos, além de nutritivos ficou por conta da criatividade e dedicação das donas de casa e de afamadas quituteiras da região....

Esta culinária tipicamente original, criada a partir das práticas sociais da região, que Monteiro Lobato era fiel apreciador, e ao longo de suas produções literárias descreve em seus contos, cartas e histórias infantis. Além de ressaltar a cultura regional do Vale do Paraíba Paulista, contextualiza os retratos da sociedade da época.

A obra de Lobato é imprescindível para retratar a história cultural brasileira; nenhum personagem da nossa literatura, infantil ou adulto, possui vida tão longa quanto a de Narzinho, Tia Nastácia ou Emília (Santana-Dezmann, 2021). Além do imaginário infantil, os contos do autor carregam práticas sociais de uma época. Tais retratos são abordados especificamente neste artigo através de dois elementos fundamentais, a comida valeparaibana e a personagem Tia Nastácia, que além de seus dotes culinários descritos por Lobato, desvelam papéis sociais da população negra no início do século XX.

DESENVOLVIMENTO

Canesqui e Garcia (2005), ao discutirem o papel da alimentação no contexto social, afirmam que a forma de como se alimentar, o que ingerir além do modo de preparar o alimento, está intrinsicamente ligado aos processos de sociabilidade, resultado do conteúdo cultural. Além de outros fatores que estão inseridos na sociedade, como por exemplo questões sobre o nutritivo versus o estético, o hedonismo versus saúde, ou seja, cultura e sociedade se influenciam e são influenciadas sobre o que se alimentam (Canesqui & Garcia, p. 10).

Montanari (2008, p. 71) corrobora essa questão ao declarar que valores do sistema alimentar são resultados de processos culturais no qual a “cozinha é o símbolo da civilização e da cultura”. Assim, verifica-se a importância da alimentação no contexto social, sob a qual está sujeita às influências, mas que também influencia, expressando uma interrelação sobre os aspectos culturais de uma sociedade.

Ao aprofundar esta perspectiva, Santos (2008) refere-se ao alimento como um protagonista que pode exprimir a cultura em manifestações sociais e que este movimento não está ausente de sentidos e/ou significados, na medida em que:

Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois se constitui de atitudes, ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais, como espelho de uma época e que marcaram uma época (Santos, 2008, p.11-12).

A partir desses sentidos/significados atribuídos ao alimento que Damatta (1987) demonstra a diferença entre alimento e comida. Para o autor, —substância nutritiva é alimento, mas [...] nem todo alimento é comida||, faz uma diferenciação entre estes objetos sociais, além de considerar que —o alimento e a comida formam um par semântico|| (Damatta, 1987, p. 22).

A autora Menasche (2007), reverenciando o apontamento desse autor, acrescenta que a comida pode ser entendida como o alimento transformado pela cultura. O contexto da comida é estudado por diversos autores que defendem a transformação do alimento/nutriente quando permeado pela cultura. Maciel (2004) corrobora esta afirmativa de que a comida pode ser interpretada como o alimento que traz em si as dimensões de uma determinada cultura, destacando suas particularidades quanto ao que é comestível, em qual ocasião e em companhia de quais pessoas. Da mesma forma, Braga (2004) afirma que é possível dizer que os hábitos alimentares estão inseridos em um sistema de significados, que nenhum alimento é ausente de associações culturais que a própria sociedade lhe atribui.

Montanari (2008, p. 157) vai além e define a comida como uma “realidade deliciosamente cultural”, não apenas em seu aspecto nutricional, mas a forma de apropriar-se do conjunto de fatores que a circundam. Verifica-se, portanto, a relação da alimentação com a cultura, que expressa a comida, cujo sentido simbólico carrega. Segundo Woortman (2006, p. 23), “em qualquer sociedade, os alimentos são não apenas comidos, mas também pensados. Em outras palavras, a comida possui um significado simbólico – ela fala de algo mais que nutrientes”.

Amon (2014) relata que o importante de se explorar assuntos relacionados à comida não é o que as pessoas falam sobre ela, mas sim o que a comida fala sobre as pessoas. Assim utilizar este objeto social como uma via comunicadora dos retratos de uma sociedade, é observada na personagem “Tia Nastácia”.

É importante destacar, que personagens negros na literatura brasileira começaram a aparecer nos contos no início do século XX, com papéis secundários que retratavam apenas cenas domésticas, ou mitificadas como contadores de história ou preto velho apenas para contos populares sem qualquer crédito da cultura erudita (Santana-Dezmann, 2021).

Para Ribeiro (2003) não há como falar da culinária valeparaibana sem remeter-nos a literatura de Monteiro Lobato, que traz em sua obra infanto-juvenil “Sítio do Pica-Pau amarelo”, conhecida pelo público a partir do ano de 1920, a personagem “Tia Nastácia”. A senhora negra dona de dons culinários inigualáveis que apresentava a estereotipagem simpática, amorosa e contadora de histórias de assombração, não dotada das letras, mas possuía o encanto nas mãos ao cozinhar (Ribeiro, 2003). Tia Nastácia se destacava pelos seus quitutes regionais na cozinha caipira (Camargos & Sacchetta, 2008). No livro *O Minotauro*, Lobato (1947, p. 151) destaca a cozinheira que Dona Benta está à procura após ser raptada por monstros que foram ao casamento da Branca de Neve e o príncipe:

Pois é — disse Dona Benta — a razão da nossa viagem a estes séculos foi uma razão ao mesmo tempo sentimental e culinária: a procura de Tia Nastácia, que é nossa amiga e nossa cozinheira. E que cozinheira! Como sabe manejar o violino do “gostoso” e tirar dele mil harmonias! O mais simples guizado, um picadinho com batatas, um virado de feijão com torresmos, um vatapá, tudo, enfim que sai de suas panelas, está para o que chamamos comida, como os mármore ali dos senhores Fídias e Policleto estão para as esculturas comuns. Perfeitas obras-primas. - E os bolinhos, vovó? — lembrou a menina do outro lado da mesa. Os bolinhos de tia Nastácia já estão famosos no Brasil inteiro. Quantas cartas a senhora não recebe das crianças, pedindo a receita dos bolinhos de tia Nastácia.

Cruzar o imaginário da literatura com o retrato de uma época era uma das características marcantes do escritor Monteiro Lobato que, segundo os autores Camargos e Sacchetta (2008), retratava em seus contos e livros a realidade de uma época, Azevedo Camargos e Sacchetta (2001, p. 167) acrescentam: “Se é inegável que seus livros para o público adulto enfocam os problemas brasileiros, também na sua produção dirigida aos menores este viés se faz presente: pelo resgate do imaginário rural, seus costumes e folclore, ele aproxima o pequeno leitor do universo popular”.

A autora Gouveia (2005, p.83) acrescenta:

A partir da década de 1920, em consonância com as transformações experimentadas no campo cultural mais amplo, na produção cultural destinada ao público infantil busca-se falar do país remetendo-se a sua identidade cultural. Procurava-se escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público.

Segundo Cichini e Brito (2009), Monteiro Lobato relatou numa entrevista com o jornalista Silveira Peixoto, no ano de 1943, que Tia Nastácia foi inspirada numa negra que trouxera do município de Areias e prestava serviços domésticos em sua casa como cozinheira e babá de seus filhos. De estereótipo magro, alta e canelas finas, chamava-se Anastácia; de bom caráter, resmungava com frequência e era uma ótima quituteira. A figura 1 ilustra a verdadeira Tia Anastácia, com Guilherme, o terceiro filho de Monteiro Lobato, no ano de 1913. A figura 2 mostra a cozinha de Tia Nastácia (Museu folclórico de Monteiro Lobato).

Figura 1- Tia Anastácia e Guilherme (filho de Monteiro Lobato).



Fonte: Acervo Família Monteiro Lobato. In: Azevedo; Camargos e Sacchetta (2001)

Figura 2- Cozinha de Tia Nastácia (Museu folclórico de Monteiro Lobato – Taubaté)



Fonte: Acervo do autor

A Representação da imagem simpática e doce da negra e seus quitutes se concretiza com a personagem criada por Monteiro Lobato, Tia Nastácia, na obra clássica do autor chamada *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, conhecida pelo público a partir do ano 1920. Em relação a esta personagem, Lajolo (1998, p. s/página) demonstra:

Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena¹ ganha as primeiras atenções: ela desfruta da afetividade da matriarcal família branca para a qual trabalha e, ao mesmo tempo, apesar de suas breves mas muito significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha emblema de seu confinamento e de sua desqualificação social.

A citação acima revela um contexto social importante da idosa negra submissa e da personagem idosa branca de Dona Benta. Os apontamentos de Lajolo (1998) demonstram que em outras obras de Monteiro Lobato esta imagem não se modifica, mesmo que o cenário literário seja outro. O mundo das fábulas criado por Monteiro Lobato leva o leitor ao mundo do faz de conta, numa mescla com a cultura local valeparaibana, porém nestas aventuras literárias em que por vezes Tia Nastácia é envolvida levando-a a outros contextos fora do Sítio do Pica-Pau Amarelo, a personagem ainda preserva a mesma subserviência em relação à família matriarcal, o que consolida a imagem da negra sempre na cozinha preparando seus quitutes, imutável ao contexto social onde ela está inserida (Lajolo, 1998).

Outros teóricos também discutem a importância desta personagem em valorização de seus contos quanto à cultura popular. Tia Nastácia além de cozinheira era também contadora de histórias do folclore nacional, em que a figura do povo, do negro e tudo que cercava sua realidade eram transmitidas em suas histórias, como demonstra Vasconcellos (1982) ao indagar que a personagem Tia Nastácia representa nas histórias de Lobato os saberes populares da cultura empírica, fruto das ações cotidianas. Segundo Santana-Dezmann (2021), a obra de Monteiro Lobato contextualizava também sobre o analfabetismo, que, embora atingisse grande parte da população branca, fazia seu maior número de vítimas entre a população negra.

Segundo Lajolo (1998) os contos de Tia Nastácia que, em sua maioria, eram lendas e casos de seu povo (negro) sempre eram desmerecidos, dito como algo sem valor de pessoas ignorantes, o que ecoava para um povo sem voz, castrados pela sua condição social. Este retrato pode ser observado no livro *Histórias de Tia Nastácia*, no qual a personagem narra a história da Princesa ladra que aprendeu com sua mãe:

— Que história de contar sete é essa? — perguntou Emília quando a negra chegou ao fim. — Não estou entendendo nada. — Mas isto não é para entender, Emília — respondeu a negra. — É da história. Foi assim que minha mãe Tiaga me contou o caso da princesa ladrona (sic), que eu passo para diante do jeito que recebi. — E esta! — exclamou Emília olhando para dona Benta. — As tais histórias populares andam tão atrapalhadas que as contadeiras contam até o que não entendem. Esses versinhos [...] são a maior bobagem que ainda vi. [...]. — Sim — disse dona Benta. — Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda (Lobato, 2002, p. 15).

Segundo Santana- Dezmann (2021) o livro em questão, *Histórias de Tia Nastácia* não era apenas de uma forma didática trazer a cultura popular para o alcance do leitor infantil do início do século, nem, depreciar Tia Nastácia e a cultura popular, mas, sim, criticar a situação da época e destacar a importância da alfabetização para o avanço de uma nação. Lobato, dizia: “Um país se faz com homens e livros”

Observa-se neste contexto que as histórias dos negros não agregavam valor cultural, não ocupavam a importância de serem participantes ativos da formação da Cultura Brasileira, mas sim passíveis de desmerecimentos culturais, como aponta a boneca de pano Emília²:

1 Crifos da autora: Monteiro Lobato. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense. 1956.

2 Emília é uma personagem criada por Monteiro Lobato que vivia no Sítio Pica-Pau Amarelo juntamente com Pedrinho, Narizinho,

— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos de ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto... (LOBATO, 2002, p. 15).

Para Lajolo (1998), Tia Nastácia é a voz de um povo oprimido e desvalorizado, sendo que a cultura popular inserida nas histórias de Tia Nastácia é dada como sem valor em comparação a cultura erudita vinda de Dona Benta.

Contudo, Monteiro Lobato reconhece a importância destes saberes populares que Tia Nastácia representava e a importância cultural herdada do povo africano (Azevedo; Camargos & Sacchetta, 2001). Tal fato aparece em seus contos qual o autor, além de ilustrar a culinária valeparaibana em suas obras infantis com Tia Nastácia, o autor era um defensor da culinária regional, pela qual expressava todo seu apreço aos pratos típicos regionais, conforme consta em suas cartas ao amigo Godofredo Rangel, no livro *A Barca de Gleyre*:

“Não és capaz, nunca de adivinhar o que estou comendo. Estou comendo... Tenho vergonha de dizer. Estou comendo um companheiro daquilo que alimentava S. João no deserto: içá torrado! ... Sabe Rangel, que o içá torrado é o que no Olimpo grego tinha o nome de ambrosia? Está diante de mim uma latinha de içás torrados que me mandam de Taubaté. Nós taubateanos somos comedores de içás. Como é bom Rangel! ... Só um ser Onipotente e Onisciente poderia criar melhor petisco” (Lobato, 1967, p. 33-34).

No início da primavera, entre os meses de setembro e outubro, é a época das Içás³. Como já mencionado, Monteiro Lobato foi um grande apreciador da iguaria (Lobato, 1948). As içás são bem aceitas quando torradas e acrescidas de sal, também valorizadas em farofas. Tais formigas são típicas da região valeparaibana, apenas o abdômen é consumido; na hora de preparar as içás são desprezadas a cabeça, as pernas e as asas (Florençano & Abreu, 1992). O autor, ressalta o saudosismo de Monteiro Lobato a iguaria, como demonstra o conteúdo de uma carta que escrevera à sua prima Hermínia de Castro Natividade, que tinha o carinhoso apelido de Bijoca, para quem enviou uma latinha de içás torrados, presente vindo de Silvina Andrade, ambas damas da sociedade da época. Tal carta datada em 18 de novembro de 1945 é abaixo replicada.

Bijoca: Recebi a latinha de içá torrado. Creio que ainda gosto disso apenas como meio de me recordar do Taubaté do meu tempo, uma coisa que já nada tem haver com a Taubaté de hoje. Mas foi você incomodar dona Silvinha... Para mim foi muito bom, porque me rendeu o bilhete que ela lhe mandou, com o pedido em troca do içá de um pensamento sobre o içá... A sugestão me perturbou porque nunca no mundo ninguém jamais “pensou” sobre o içá — e pelo jeito é realmente coisa “impensável”. Mas já que dona Silvinha pede, faço um esforço e digo que o IÇÁ É O CAVIAR DA GENTE TAUBATEANA. Como você sabe, o famosíssimo e apreciadíssimo caviar da Rússia é a ova dum peixe de nome esturjão; e que é o abdomem (vulgo bundinha) do içá senão a ova da formiga saúva? Adeus Bijoca. Saudades a todos daí e meus cumprimentos a dona Silvinha. Zé Bento⁴ (Florençano & Abreu 1992, p. 32)

Apesar do saudosismo da iguaria demonstrada por Monteiro Lobato, é necessário atentar à frase “[...] Taubaté do meu tempo, uma coisa que já nada tem haver (sic) com a Taubaté de hoje” (Florençano & Abreu, 1992, p. 32) em que o escritor taubateano refere-se às mudanças no Vale do Paraíba Paulista.

Com a decadência da cafeicultura no final do século XIX, iniciou-se no Vale do Paraíba uma estagnação econômica em referência à riqueza do café, gerada nas décadas anteriores do mesmo século (Silva, 2011), a atividade na cafeicultura continuou até meados de 1930. Tal fato é demonstrado no conto *Cidades Mortas*, do ano de 1919, em que o autor retrata o abandono das cidades que foram grandes produtoras de café.

Dona Benta e tia Nastácia entre outros personagens.

3 Içás são formigas saúvas fêmeas que no início da primavera saem dos formigueiros para procriação, garantindo a perpetuação da espécie (FLORENÇANO; ABREU, 1992).

4 Ortografia foi preservada no original.

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurre de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas.... Por ela passou o café,.... Toda seiva foi bebida e, sob forma de grão, ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o oeste, na avidez de novos assaltos á virgindade da terra nova ... (Lobato, 1978, p. 3-5).

No que se refere atualmente à comida valeparaibana, verifica-se várias iniciativas de resgate das raízes culturais para o incentivo cultural e turístico da região. Festas tradicionais se destacam na região a fim da valorização do regionalismo, como o caso da primeira Festa do Arroz realizada no município de Tremembé no ano de 2009 (Afonso, 2009).

Ressaltam-se também as considerações de Beluzzo (2006) de que por meio da culinária podem-se identificar circunstâncias geográficas e a identidade cultural de um povo. Nesse sentido, a sociedade contemporânea aspira à valorização da riqueza da culinária regional preservando este patrimônio, uma vez que a culinária tradicional enaltece os produtos regionais e sazonais valorizando as raízes culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou por meio do objeto social a comida, sua ação comunicativa, qual Monteiro Lobato, utilizava para retratar a sociedade da época, com seus hábitos e costumes. Além disso, a valorização dos saberes e sabores regionais do Vale do Paraíba Paulista, contidos em seus livros e contos.

REFERÊNCIAS:

- Afonso, P. (2009) **1** *Festa do arroz em Tremembé*. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=281909>>.
- Andrade, A. C. A. (1996a). *Povoamento do Vale do Paraíba*. In: Andrade, A.C. A.; Abreu, M. M. Histórias de Taubaté através de textos: Prefeitura municipal de Taubaté. Taubaté/SP: Gráfica e editora Minerva.
- Andrade, A. C. A. *Origens do Negro Vale-paraibano*. (1996b) In: Andrade, A.C. A.; Abreu, M. M. Histórias de Taubaté através de textos: Prefeitura municipal de Taubaté. Taubaté/ SP: Gráfica e editora Minerva.
- Amon, D. (2014). *Psicologia Social da Comida*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes
- Azevedo, C. L.; Camargos, M. & Sacchetta, V. (2001). *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. 3. ed. São Paulo: Senac.
- Braga, V (2004). Cultura Alimentar: contribuições da antropologia da alimentação. *Saúde em Revista*, Piracicaba, 6. p. 37-44.
- Camargos, M. & Sacchetta, V. (2008). *À mesa com Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: SENAC.
- Canesqui, A. M. & Garcia, R. W. D. *Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação*. In: Canesqui, A. M. & Garcia, R.W.(Orgs). Antropologia e nutrição um diálogo necessário. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005.
- Cichini, L. C. & Brito, L. (2009). Considerações sobre a personagem Tia Nastácia nas histórias lobatianas. *Anais VI Seminário de Iniciação Científica, Só Letras, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Jacarezinho*.
- Damatta, R (1987). Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *O correio da Unesco*. Rio de Janeiro, p. 22-23.
- Florençano, P. C. & Abreu, M. M. (1992). *Cadernos culturais do Vale do Paraíba*. Taubaté: CERED- Centro de Recursos Educacionais.
- Gouvêa, M. C. S (2005). Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 1(31), p. 77-89.

- Lajolo, M. (1998). *A figura do negro em Monteiro Lobato*. Lobato Revista Presença Pedagógica, São Paulo.
- Lobato, J. B. M. (2002). *Histórias de Tia Nastácia*. 32ª edição, 9ª reimpressão, <http://www.groups-beta.google.com/group/digital-source>
- Lobato, J. B. M. (1978). *Cidades Mortas*. 20 ed., São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1977). *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1977). *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1947). *O Minotauro*. Capítulo XV, Batatas e Sócrates. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1995). *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense.
- Maciel, M E (2004). *Uma cozinha a brasileira*. Estudos Históricos., Rio de Janeiro. V. 1 número 33, Jan./Jun. p. 25-39
- Menasche, R. (2008). *A ética alimentar, como cuidar da saúde e do planeta*. Cadernos IHU em formação. Universidade do Vale dos Rios dos Sinos. São Leopoldo, RS.
- Montanari, M (2008). *Comida como cultura*. 14 ed., São Paulo, SENAC.
- Ribeiro, S. M. P. (2003) Tia Nastácia: até que ponto um instrumento de divulgação de estereótipo de idosa negra. In: *Congresso Luso Afro de ciências sociais Diversidades e (DES) Igualdades*. Salvador, BA, UFBA.
- Ricci, F. (2006) *Indústrias têxteis na periferia: Origens e desenvolvimento: o caso do Vale do Paraíba*. Taubaté-SP, Cabral Livraria e Editora Universitária.
- Santana-Dezmann, V. (2021). *O retrato falado do racismo na obra infantil de Lobato*. Recuperado em blog: <https://vanetesantana-dezmann.blogspot.com/2021/01/o-retrato-falado-do-racismo-na-obra.html>
- Silva, A. L. (2011) *A conveniência da cultura popular: um estudo sobre pluralidade de domínios e danças devocionais e ação dos mestres do Vale do Paraíba*. 256f. [Tese Doutorado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Sobrinho, A. M. (1978) *A civilização do café 1820, 1920*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Ortiz, J. B. (1988a.) São Francisco das Chagas de Taubaté. Livro 1º Origens. *Coleção "Taubateana"*, n. 10, III série, Imprensa Oficial do Estado IMESP- São Paulo, SP.
- Ortiz, J. B.(1988b) São Francisco das Chagas de Taubaté. Livro 2º Taubaté colonial. *Coleção "Taubateana"*, n. 10, III série, Imprensa Oficial do Estado IMESP- São Paulo, SP.
- Vasconcellos, Z. M. C. (1982). *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora.
- Wootmann. K. A. W. (2006) *O sentido simbólico das práticas alimentares*. In: *Gastronomia Cortes & Recortes*. Distrito Federal: SENAC.